



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO PRESENCIAIS DE
LICENCIATURA EM LETRAS
LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA

LUIZ AURÉLIO GOMES DE FIGUEIREDO

A EDUCAÇÃO NATURAL COMO COADJUVANTE NA FORMAÇÃO SOCIAL DO
HOMEM CONTEMPORÂNEO

João Pessoa

2020

LUIZ AURÉLIO GOMES DE FIGUEIREDO

**A EDUCAÇÃO NATURAL COMO COADJUVANTE NA FORMAÇÃO SOCIAL DO
HOMEM CONTEMPORÂNEO**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em
LÍNGUA PORTUGUESA do Centro de Letras da
Universidade Federal da Paraíba, (UFPB - Campus I)
como um dos pré-requisitos para obtenção do título de
graduação.

Orientador: Profº. Dr. Hermano de França Rodrigues

JOÃO PESSOA

2020

LUIZ AURÉLIO GOMES DE FIGUEIREDO

**A EDUCAÇÃO NATURAL COMO COADJUVANTE NA FORMAÇÃO SOCIAL DO
HOMEM CONTEMPORÂNEO**

Monografia apresentada como exigência parcial para obtenção
do título de graduação, à Comissão Julgadora designada pela
UFPB do Curso de Graduação – Centro de Letras.
JOÃO PESSOA, de 2020.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr^a. Maria Bernadete da Nóbrega

Prof. Ms. Sylvio Tony Santos de Oliveira

Prof. Ms. Ivanildo da Silva Santos

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

F475e Figueiredo, Luiz Aurelio Gomes de.

A educação natural como coadjuvante na formação social
do homem contemporâneo / Luiz Aurelio Gomes de
Figueiredo. - João Pessoa, 2020.
30 f.

Orientação: Hermano de França Rodrigues.
Monografia (Graduação) - UFPB/CCHLA.

1. Educação natural; formação social e. 2. homem
contemporâneo. I. de França Rodrigues, Hermano. II.
Título.

UFPB/CCHLA

AGRADECIMENTOS

Dedico este trabalho a todas as pessoas que me incentivaram direta ou indiretamente ao curso de letras. Pessoas essas que apesar das dificuldades me diziam pra nunca desistir.

A minha amiga Carolina Andrade mestra em filosofia que me ajudou com seus questionamentos a favor da educação. Minha mãe Aldenice Figueiredo que sempre me incentivou a continuar os estudos e ser um ser humano melhor.

Aos amigos de jornada universitária Marione Patricio e Jaklane Paulino de Souza que sempre me acompanharam durante todo percurso nos ajudando mutuamente. A minha amiga Rariela Salustino que também sempre me apoiou e auxiliou nos momentos em que mais precisava.

A professora Wilma Mendonça que me apresentou a obra e despertou em mim o desejo de conhecer mais sobre Russeal. Ao professor e orientador Hermano de França pela paciência e disposição.

Agradeço também a todos o(a)s professore(a)s da UFPB que durante esta caminhada acadêmica me estimularam e compartilharam seu conhecimento ampliando minha visão de mundo.

A todos que ensinam o pensamento crítico e o
questionamento como forma de opinião

Rousseau concebeu que o homem vivia livre, cuja liberdade é a marca de sua existência. Nessa existência livre, não haveria a imposição por parte de outros homens e, nem tampouco, em função deles.

Rousseau

RESUMO

A educação possui como significado principal o ato de transferir conhecimentos próprios ou de determinado autor para um sujeito que está disposto a receber e introduzir no seu ser esse conhecimento. No decorrer desta obra abordaremos o tema que foi apresentado acima dentro de uma perspectiva relacionada a educação natural desenvolvida por Jean Jacques Rousseau (17\12\1778), no decorrer do seu livro Emílio ou Da educação. Além disso, entrelaçado a esse contexto educacional, abordaremos a formação social do homem contemporâneo nas diferentes fases da sua vida. Ressaltamos que o trabalho é dividido em quatro capítulos, sendo o primeiro direcionado para abordarmos o desenvolvimento moderno dos conceitos de infância e pedagogia, levando em consideração as contribuições de Rousseau, o segundo relacionado ao desenvolvimento da criança e do indivíduo inserido no contexto da educação natural, o terceiro direcionado para os fatores do iluminismo pedagógico e a educação natural e o quarto relacionado a formação social do homem contemporâneo partindo do princípio da educação natural e levando em consideração os dados apresentados no decorrer dos capítulos anteriores, se fazem as considerações finais. Como pergunta norteadora, utilizamos: “Como a educação natural, desenvolvida por Rousseau no decorrer de suas obras relacionadas a Emílio, pode interferir na formação social do homem contemporâneo?”.

PALAVRAS-CHAVE: Educação natural; formação social e homem contemporâneo.

ABSTRACT

Education has as its main meaning the act of transferring knowledge of its own or of a certain author to a subject who is willing to receive and introduce that knowledge into his being. In the course of this work, we will approach the theme that was presented above from a perspective related to natural education developed by Jean Jacques Rousseau (17 \ 12 \ 1778), in the course of his book Emílio or Da Educação. In addition, intertwined with this educational context, we will address the social formation of contemporary man at different stages of his life. We emphasize that the work is divided into six chapters, the first being directed to the introduction, which we will approach in general the context of the formation of natural education and the social formation of contemporary man, in the course of the second we will address the modern development of childhood concepts and pedagogy, taking into account the contributions of Rousseau, the third related to the development of the child and the individual inserted in the context of natural education, the fourth directed to the factors of pedagogical enlightenment and natural education and the fifth related to the social formation of man contemporary based on the principle of natural education and taking into account the data presented during the previous chapters and, in the last, final considerations are made. As a guiding question, we use: “How can natural education, developed by Rousseau during his works related to Emílio, interfere in the social formation of contemporary man?”.

KEYWORDS: Natural education; social formation and contemporary man.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO I: ROUSSEAU E O EMÍLIO OU DA EDUCAÇÃO.....	13
CAPÍTULO II: DESENVOLVIMENTO MODERNO DOS CONCEITOS DE INFÂNCIA E PEDAGOGIA: AMPLIAÇÃO REALIZADA POR ROUSSEAU.....	19
CAPÍTULO III: DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA E DO INDIVÍDUO INSERIDO NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO NATURAL	23
CAPÍTULO IV : FATORES DO ILUMINISMO PEDAGÓGICO E A EDUCAÇÃO NATURAL.....	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
REFERÊNCIAS.....	31

INTRODUÇÃO

O homem não vivia com seu semelhante, não se preocupando com o futuro, mas somente com o momento presente. Não havia, assim, ocupações trabalhistas ou da vida cotidiana permeada pelo mundo da produção.

Sendo livre, o homem podia ir em busca do que desejava, sem se preocupar com a opressão que dissimula a vontade do povo e revela a verdadeira constituição da natureza de um ser humano. Nesse sentido, de acordo com Rousseau (1992, p. 10): “tudo o que não temos ao nascer, e de que precisamos adultos, é nos dado pela educação”.

Rousseau (1992), enfatiza que a educação vem da natureza, acontecendo por meio da própria experiência sobre as relações dos homens com as coisas. Portanto, homem e coisas formam um modelo de associações habituais que irão pautar a vida do ser humano na busca pelo conhecimento e para caracterizar-se como um homem social.

Sendo assim, a educação natural fundamentará a vida social, associando a educação com a liberdade e a felicidade de seus membros. Rousseau (1992), anuncia a hipótese da relação dos homens vivendo em seu estado natural, agindo para o bem comum ao cuidarem da sobrevivência.

Contudo, no momento em que os homens passaram a trabalhar para outras pessoas, se cria a desigualdade entre estes, emergindo as diferenças sociais. Nesse sentido, Rousseau vê a sociedade como uma prisão, tendo em vista que antes mesmo de existir o estado civil, havia o estado de natureza. Nesse estado de natureza, todos somos iguais.

Assim, este estudo trata-se de alguns aspectos referentes, as relações entre o Emílio de Rousseau e a educação. Ressaltamos que o trabalho é dividido em seis capítulos, sendo o primeiro direcionado para a introdução, que abordaremos de forma geral o contexto de formação da educação natural e a formação social do homem contemporâneo, no decorrer do segundo abordaremos o desenvolvimento moderno dos conceitos de infância e pedagogia, levando em consideração as contribuições de Rousseau, o terceiro relacionado ao desenvolvido da criança e do indivíduo inserido no contexto da educação natural, o quarto direcionado para os fatores do iluminismo pedagógico e a educação natural e o quinto relacionado a formação social do homem contemporâneo partindo do princípio da educação natural e levando em consideração os dados apresentados no decorrer dos capítulos anteriores e, no último, se fazem as considerações finais.

CAPITULO I: ROUSSEAU E O EMÍLIO OU DA EDUCAÇÃO

O autor do livro que servirá como base para esta obra, Jean Jacques Rousseau (17\12\1778), foi um dos filósofos, teórico político, escritor e compositor autodidata genebrino que mais exerceu influência sobre a educação em variadas épocas históricas até a contemporaneidade.

Diante disso, inúmeros estudiosos classificam seus feitos como um marco divisório entre a velha e a nova pedagogia aplicada no decorrer do processo de ensino e aprendizagem desenvolvido nos ambientes escolares. Bogdan Suchodolski, pensador tcheco, designa Rousseau como o principal elemento de transição de uma pedagogia da essência para uma pedagogia da existência, que leva em consideração os indivíduos e suas fases de desenvolvimento.

Sua obra “Emílio ou da educação”, que será abordada e refletida no decorrer desse trabalho de conclusão de curso, provocou uma intensa polêmica em seu tempo, tendo em vista que abordava não apenas aspectos didático-pedagógicos inovadores, mas também por desenvolver um conceito de infância bastante original e tocar em temas educacionais, cujos parâmetros moldariam um novo homem e, por que não dizer, uma nova sociedade.

Diante dessa perspectiva do desenvolvimento do pensamento rousseauiano no decorrer das obras do autor, foi sendo desenvolvido, assim como supracitado, a concretização do marco que divide a velha e a nova escola. É importante destacar que, mesmo com as inúmeras mudanças implementadas pelas obras desenvolvidas, o campo da educação começou a perceber suas contribuições no processo pedagógico-educacional no final do século XIX e início do século XX através dos vários movimentos escolanovistas que germinaram o cognitivismo, a ludicidade, a corporeidade e as demais dimensões pedagógicas que até a atualidade se desenvolvem no ambiente escolar.

Destarte, é importante destacar que no processo de construção da educação natural, desenvolvido por Rousseau no decorrer do seu Livro Émile e que serviu como fonte para as mudanças nos ambientes escolares, é marcado pela tensão existente entre as necessidades do indivíduo no decorrer da sua infância e os cuidados que necessitam quando estão inseridos no contexto social enquanto indivíduos adultos.

Levando em consideração o pensamento de Rousseau acerca da concepção de infância, que está diretamente relacionado com as necessidades das crianças, o autor apresenta que a educação deve oferecer liberdade ao infante para que aprenda com as próprias experiências, o que exige, do atual sistema em que o autor estava inserido, uma nova postura pedagógica.

Assim sendo, a educação que se centraliza na criança deve ser pensada desde a escolha de um locus propício que, para Rousseau, deve estar diretamente associada com a natureza. Diante dessa perspectiva, o autor apresenta, levando em consideração principalmente o contexto histórico que ele está inserido, que a criança deve ser vista como criança e não como um adulto em miniatura. Diante disso, Boto (1996, p.26) apresenta:

teórico da política, autor do *Emílio* paradoxalmente criticará aqueles que norteiam a pedagogia exclusivamente à procura do homem social, do cidadão. Para Rousseau, a instrumentalização do ofício educativo, as estratégias de conformar a sociedade mediante práticas de ensino institucionalizadas, fariam surgir modelos extemporâneos e em total desacordo com o objeto primeiro da utopia pedagógica: formar o homem, pela compreensão e orientação da criança que surge antes dele.

Para justificar essa afirmativa desenvolvida, Rousseau, afirma que é necessário mapear o decorrer do desenvolvimento das fases maturacionais da criança com suas diferenças e suas necessidades específicas, uma espécie de “faseologia” da razão ligada ao processo de maturação humano, adiantando-se aos modelos cognitivos que aparecerão de forma mais bem acabada nas primeiras décadas do século XX. No decorrer do livro que abordaremos nesta obra, o filósofo apresenta um processo de entrelaçamento entre o desenvolvimento da educação e a condição fundamental para que a criança, quando torna-se adulta, possa discernir e, a partir disso, tomar as melhores decisões e dirigir sua vida da melhor maneira, não se deixando corromper pelas imposições aplicadas pela sociedade sobre os indivíduos. Relacionado a essa perspectiva, Dalbosco (2011, p.124) afirma que:

a compreensão adequada da tensão imanente à ação humana que se manifesta entre as dimensões da consciência (enquanto instinto humano e “divino”) e da razão, ambas inseridas em uma ordem universal. Ela consiste enfim no movimento crítico que se inicia com o “cuidado de si mesmo”, o qual, por sua vez, conduz à consciência da inserção humana no cosmo.

Diante disso, é notório que Rousseau elabora sua argumentação baseando-se no deslocamento e análise, por parte do sujeito, sobre as diferentes perspectivas que lhe são apresentadas no seu processo de desenvolvimento enquanto ser social, ou seja, é defendida pelo autor a necessidade do indivíduo compreender e discernir, a partir do movimento crítico, a ampliação e aplicação das atitudes éticas no processo de construção das suas opiniões.

Dentro dessa perspectiva, no contexto relacionado à educação, o autor apresenta que existe uma tensão entre o amor de si e o amor-próprio e esta tensão tem como fundamento a preparação moral dos sujeitos, pois coloca frente a frente os desejos que pertencem à esfera da satisfação das necessidades, em que o único envolvido é o próprio sujeito, e a comparação com

os outros, na qual preferimos sempre a nós mesmos. Com base nesse contexto, o indivíduo deve, assim como apresentado no decorrer dos parágrafos anteriores, dar ouvidos à sua interioridade, à voz de sua consciência que fará com que ele haja de forma ética.

Voltando para idealização da criança no decorrer do livro, Rousseau defende que, para que o processo supracitado seja desenvolvido de forma correta, é necessário que apenas algumas pessoas possam interferir de forma direta no desenvolvimento da criança.

Para ele, uma criança não pode ser bem-educada tendo passado por diferentes mãos, já que “a cada mudança ela [criança] faz secretas comparações que sempre tendem a diminuir sua estima para com aqueles que a educam e, conseqüentemente, a autoridade deles sobre ela” (ROUSSEAU, 1995, p. 38). Autoridade essa que se apresenta de um modo absolutamente novo em se tratando de educação: uma autoridade que, conforme nos aponta Dozol (2003, p. 34), “é exercida pela sedução, traduzida por ardis ou astúcia maquinadas e utilizadas pelo mestre de acordo com as fases do desenvolvimento infantil”.

Para justificar as afirmações acima, no decorrer do desenvolvimento da obra *Emílio ou Da Educação*, Rousseau aborda sobre as etapas da vida de Emílio, personagem principal dos livros, valorizando-as e demonstrando aspectos inerentes a cada uma delas, pois reconhece que a cada uma corresponde uma ação pedagógica.

No decorrer do primeiro livro (*Idade e Natureza- o bebê*) o filósofo discorre sobre a importância e a finalidade da educação e, dessa forma, defende, de forma clara e objetiva, a ideia da mãe como verdadeira ama e o pai como o verdadeiro preceptor; No livro II (*Idade da Natureza- de 2 a 12 anos*), que também faz parte da obra mencionada acima, o autor traz a educação da sensibilidade como assunto principal e introduz gradualmente a questão da educação moral e intelectual do indivíduo;

Já no livro III (*Idade da Força- de 12 a 15 anos*), o autor apresenta a perspectiva de avanço entre a idade infantil e a adolescência, com relação ao processo educativo, o autor apresenta que ela será ampliada e iniciará um processo pedagógico que irá favorecer as descobertas da ciência prática e útil e do ofício manual, centrando-se na necessidade e utilidade; No livro IV (*Idade da Razão e das Paixões- de 15 a 20 anos*), Rousseau trabalha a educação sexual do sujeito, a religiosa, e, também, a moral; e, por último, no decorrer do Livro V (*de 20 a 25 anos*) o autor aborda a idade da sabedoria, do casamento e das viagens, apresentando o preceptor mais como um conselheiro. Esse livro também aborda a questão relacionada à educação política e feminina.

Sobre as primeiras reflexões acerca da educação e da infância, abordada no decorrer dos dois primeiros livros, Rousseau afirma que:

não se conhece a infância; no caminho das falsas ideias que se têm, quanto mais se anda, mais se fica perdido. os mais sábios prendem-se ao que o homem importa saber, sem considerar o que as crianças estão em condições de aprender. Procuram sempre o homem na criança, sem pensar no que ela é antes de ser homem. (ROUSSEAU, 1995, p. 4)

A partir disso, assim como citado anteriormente, inicia-se o marco de desconstrução da visão de criança no decorrer do período histórico em que o autor viveu e essa visão permeia até a contemporaneidade. Diante disso, percebe-se que existia, no decorrer daquele período, a necessidade, devido ao desenvolvimento e a ampliação do sistema capitalista, de tornar a criança um pequeno adulto e, com as afirmações de Rousseau, mesmo existindo essa compreensão já durante muitos anos, conseguiu desarticular o argumento e fazer com que a pedagogia de criança, enquanto criança, fosse realmente aplicada no contexto social como um todo. No decorrer da discussão do livro, abordaremos essa perspectiva.

É importante destacar que o processo educativo desenvolvido antes da aplicação da ruptura desenvolvida pelas ideias de Rousseau, era desdobrado a partir de forças corruptoras do homem desde o período que corresponde a sua infância, ou seja, o processo era aplicado de forma contrária. Diante disso, a abordagem de Rousseau em Emílio “pretende impedir essa decadência espiritual e moral” (CASSIRER, 1999, p. 177) do sujeito.

Diante disso, é possível perceber a relevância que adquire a figura do preceptor para Rousseau, como aquele que está ligado diretamente ao cotidiano da criança e tem como função primordial a condução da aprendizagem e o favorecimento do desenvolvimento num todo.

Vale ressaltar que, para compreendemos de forma clara o termo preceptor utilizado pelo autor, Rousseau, no decorrer das obras, apresenta esse sujeito como um ser da vida cotidiana, que está diretamente ligado a criança, seja interferindo sutilmente ou evitando que outros interfiram. Por vezes, trocando o termo preceptor por *gouverneur*, o que irá nos interessar aqui, para além da nomenclatura, é o seu papel:

só há uma ciência a ensinar às crianças, que é a dos deveres do homem [...]. De resto, prefiro chamar de *gouverneur* e não *precepteur* o professor dessa ciência, pois trata-se menos, para ele, de instruir do que de dirigir. Não deve dar preceitos, e sim fazer com que eles sejam encontrados (ROUSSEAU, 1995, p. 29).

Diante do apresentado no decorrer da citação acima, é perceptível que a figura eminente do preceptor está representada por Rousseau no decorrer do livro, não como um indivíduo dominador que irá impor seus pensamentos e formas de ser para a criança que está em processo

de construção social, mas sim como uma figura que, de forma clara, coesa e ética, para sua visão existencial, fará com que o novo indivíduo desenvolva seus próprios significados, entre na religião que achar mais adequada e desenvolva atividades que estão diretamente associadas a sua vontade, e não a do outro.

Dessa forma, percebe-se que o autor, a partir disso, exerce uma força para desconstruir a idealização de professores, mães e pais opressores que querem fazer com que os filhos cresçam e façam o que eles (pais, mães e professores) tinham desejo, ou seja, é desconstruída a visão ditatorial não só no contexto escolar, mas também no familiar.

Diante disso, não temos como fazer uma centralização da figura da criança enquanto sujeito que controla suas atitudes, mas podemos analisar a figura do preceptor que contribuirá, de forma concisa, para a formação do ser que vai ser desenvolvido a partir daquela criança.

Assim sendo, podemos elaborar, como pergunta que favorece o direcionamento dessa pesquisa, o seguinte questionamento: “Como a educação natural, desenvolvida por Rousseau no decorrer de suas obras relacionadas a Emílio, pode interferir na formação social do homem contemporâneo? ”.

Destarte, sobre a educação natural, Rousseau afirma que ela é necessária para o homem, pois ele se afastou dela devido ao avanço do convívio social e é preciso reconstruir esta ligação entre Homem e Natureza. Dessa forma, para que essa ação possa ser realizada, o autor recorre a educação, no sentido de educar indivíduos, como solução do problema, pois ela é compreendida como uma força capaz de remodelar o homem, é importante enfatizar que essa remodelagem não acontece no sujeito constituído, ou seja, com mais de 25 anos, mas sim enquanto criança, de acordo com a natureza em sentido metafísico, moral, biológico, psicológico e estético.

De acordo com Rousseau (1995, p.8), “moldam-se as plantas pela cultura, e os homens pela educação”, mas, diante dessa ideia desenvolvida pelo autor, surge outro questionamento: Qual seria a necessidade do restabelecimento dessa ligação? Essa afirmação, Rousseau responde, afirmando que o homem, após se separar da natureza, tornou-se mal e, por isso, é necessário que haja essa restauração.

Segundo Rousseau (1995, p.10),

essa restauração, ainda que de forma ficcionalmente, essa potência virtual de bondade e mostrar que, se não é possível mais desenvolver um processo de retorno às origens, podemos contar com algum parâmetro possível para quem sabe, uma correção de rumo do rumo que a humanidade está seguindo.

Este é um ponto bastante importante, espécie de mola propulsora de toda a teoria rousseauiana acerca da constituição do homem e da vida em sociedade. Diante disso, é possível perceber que, caso o processo de educação natural seja realizado de forma correta, o indivíduo vai tornar-se mais social e, com isso, passará a ser mais humana, dentro da perspectiva da psicanálise. Rousseau afirma ainda que:

transformemos nossas sensações em ideias, mas não pulemos de repente dos objetos sensíveis aos objetos intelectuais. São pelos primeiros que devemos chegar aos outros. Que os sentidos sejam sempre os guias em nossas primeiras operações do espírito: nenhum outro livro senão o do mundo, nenhuma outra instrução senão os fatos (EMÍLIO, LIVRO III, p. 175)

A partir disso, é possível compreender que o sujeito, após realizar a religação com a natureza, tornasse a mais sensível aos objetos intelectuais e, dessa forma, irá compreender seus erros e tentar consertá-los. No contexto atual, por exemplo, caso o processo de educação natural fosse desenvolvido de forma correta e a figura do preceptor organizasse o ambiente e direcionasse o processo educativo corretamente, eventos que contribuíssem para a degradação da natureza, da natureza humanizada em uma perspectiva ética e construtiva (relacionada a corrupção) não aconteceriam, pois o homem estaria mais ligado a sua natureza.

Para Streck (2008, p.71), “o comportamento do preceptor, de fato, tem mais de artista do que de cientista”, ou transmissor de conteúdo, criando situações e conduzindo a formação de forma sedutora e através de uma autoridade escondida aos olhos da criança.

Tudo isso porque o preceptor de Jean Jacques não deseja que seu discípulo seja um magistrado, um soldado ou um padre, mas antes de tudo, um homem pensante, moralmente livre e autônomo que compreenda suas ações e que esteja diretamente associado à natureza.

No decorrer desta obra, vamos seguir a construção de Emílio durante toda sua trajetória educativa em busca de fundamentarmos, de forma clara e evidente, a relação entre a educação natural e o modo de agir, pensar e compreender fatos do homem contemporâneo. Para começarmos a discussão, optaremos por dividir a obra em quatro capítulos fundamentais, sendo o primeiro relacionado ao desenvolvimento moderno dos conceitos de infância e pedagogia, levando em consideração as contribuições de Rousseau, o segundo entrelaçado ao desenvolvido da criança e do indivíduo inserido no contexto da educação natural, o terceiro relacionado aos fatores do iluminismo pedagógico e a educação natural, e o quarto relacionado à formação social do homem contemporâneo partindo do princípio da educação natural e levando em consideração os dados apresentados no decorrer dos capítulos anteriores.

CAPÍTULO II: 2. DESENVOLVIMENTO MODERNO DOS CONCEITOS DE INFÂNCIA E PEDAGOGIA: AMPLIAÇÃO REALIZADA POR ROUSSEAU

Os processos pedagógicos, com o desenvolvimento e a ampliação realizada por Rousseau através do conjunto de obras que formam o *Emílio* ou *Da Educação*, sofreu duas grandes mudanças, sendo a primeira relacionada diretamente com a idealização de educação, contrariando, de forma persistente, o processo pedagógico desenvolvido pela tradição escolástica, e, a segunda relacionada com a reconstrução do conceito de infância desenvolvido com base no processo de avanço e crescimento do sistema capitalista no decorrer dos últimos séculos.

Diante dessa perspectiva, foi possível observar inúmeros desdobramentos que, no seu todo, demonstram, de forma consistente, o porquê que a obra mencionada no início desse parágrafo e o autor são considerados um marco histórico de divisor e contribuidor do pensamento pedagógico moderno que é utilizado, de forma revisada, na contemporaneidade.

Diante dessa perspectiva de discussão das objeções desenvolvidas por Rousseau acerca da educação escolástica que era desenvolvida no seu período e o significado trazido pelo termo infância e seus sinônimos, o autor tem como principal objetivo criticar o processo pedagógico que era desenvolvido no decorrer daquele período.

Rousseau, ao longo da sua obra, mostra, de forma evidente, que, relacionado ao conceito de infância, não é possível conceber a criança como um adulto em miniatura, concepção que acarreta diretamente a impossibilidade de se iniciar a educação pela razão, que era o método utilizado pela escolástica.

Para tornamos a discussão mais clara e evidenciarmos com base nos Livros I e II do *Emílio*, Rousseau apresenta a perspectiva de que, antes de entendermos a criança como um indivíduo adulto que pode tomar decisões sozinhas sem a ajuda de um preceptor, é necessário que haja o desenvolvimento de um processo com intuito de fortalecer o corpo do sujeito e refinar os sentidos dos “infantes”.

Dessa forma, o indivíduo conseguirá ir, de forma lenta e gradual, desbravando o mundo que os circunda, isto é, o que se denomina educação pelas coisas. O autor afirma que, com base nessa perspectiva, é possível compreender que sim, o indivíduo possui razão, no sentido de ser um ser racional, mas que a razão não deve estar diretamente associada ao início do processo educativo. Com essa afirmação, por exemplo, Rousseau, se deslocava na contramão daquilo que era tido como verdade e pensavam muitos autores de seu tempo, entre eles Locke.

De acordo com Rousseau (2004, p.89),

de todas as faculdades do homem, a razão, que não é por assim dizer, senão um composto de todas as outras, é a que se desenvolve com mais dificuldade e mais tardiamente, e é ela que se pretende utilizar para desenvolver as primeiras!.

Através dessa afirmação, o autor justifica a sua idealização e inicia o processo de desenvolvimento do conceito de Infância que, para ele, seria o período em que as crianças, de forma interligada com a natureza, seriam conduzidas por um preceptor e esse teria o papel de ajudá-la a desenvolver seu pensamento racional, baseando-se nos preceitos da natureza, na ética e nos exemplos acompanhados no decorrer da sua infância e adolescência.

É importante ressaltar que, caso seja feita uma análise do processo educativo no contexto escolar, levando em consideração a educação tradicional que era desenvolvida com base na escola escolástica, é possível compreender que o sujeito, enquanto estudante, não era considerado no processo de discussão do ensino e da aprendizagem, ou seja, ele era tido como um receptáculo de informações que lhes eram transmitidas de forma verbal, sem a participação do aluno no decorrer das aulas através de jogos e de brincadeiras que o ajudaria a internalizar o conteúdo que estava sendo ministrado. Diante disso, é notório que, no universo infantil, os conteúdos se faziam distantes e isso fazia com que a compreensão e a aplicabilidade fossem desnorteadas pela criança.

Com relação ao desenvolvimento do conceito de criança introduzido pelo autor ao longo das obras, é possível compreender que o “adulto em miniatura”, termo que era utilizado pelo corpo social que fazia parte do contexto histórico em que Rousseau estava inserido, impedia o sujeito de viver aquilo que é apropriado para o seu tempo, pois ele deve-se vestir-se e portar-se como um adulto, ficando sujeito a corrupção e aos coquetismos que são próprios do mundo dos adultos.

Diante disso, o sujeito inserido nesse contexto, fica impossibilitado de viver aquilo que é próprio de sua fase, ou seja, a alegria e a espontaneidade da sua infância. Essa associação feita que compara a criança a um adulto em miniatura, somada com a pedagogia utilizada no contexto escolar, fazem com que, de acordo com a psicanálise, o indivíduo desenvolva inúmeros traumas no decorrer da sua vida e, contrariando essa perspectiva, a educação natural torna o desenvolvimento do indivíduo mais saudável, eliminando dessa forma os traumas e favorecendo a formação social.

A educação natural discutida por Rousseau tem como objetivo principal, além de aproximar o indivíduo da natureza através de um processo de reconstrução e ressignificação de

determinadas ações que são desenvolvidas na educação tradicional, buscar o respeito ao período relacionado ao infante em seu mundo, essa ação, de forma clara, demonstra a ruptura afirmativa com os alicerces que fundamentam a pedagogia tradicional que era utilizada no decorrer do processo de ensino tradicional que reinava na época.

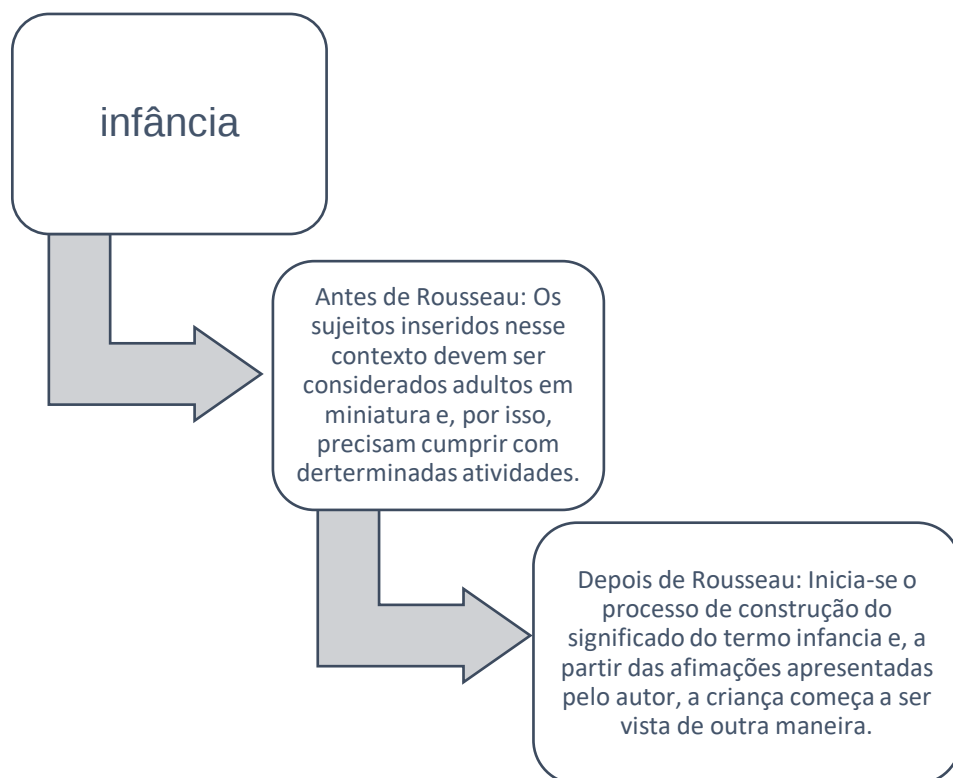
É importante destacar que essa perspectiva de criança a qual foi combatida de forma veemente por Rousseau estava diretamente associada com conceito que hoje é considerado ultrapassado por muitos autores contemporâneos, sendo ele a ideia de inatismo presente na filosofia platônica e que perdurou por toda a idade média.

Assim sendo, Rousseau inicia o processo de combate ao modelo escolástico, partindo da perspectiva de desmonte do inatismo, que era também uma de suas bases, nesse horizonte, o genebrino pensa a importância do meio e do professor no processo de educação de Emílio.

O primeiro com o papel de ofertar ao seu aluno a experiência, o contato, com tudo que o circunda. O segundo, como mediador da relação da criança com aquilo que vai descobrindo. Dessa forma, evita-se que coloque sua vida em risco ou ainda que faça algo além de suas forças, o que era cogitado quando a criança era tida como um adulto em miniatura.

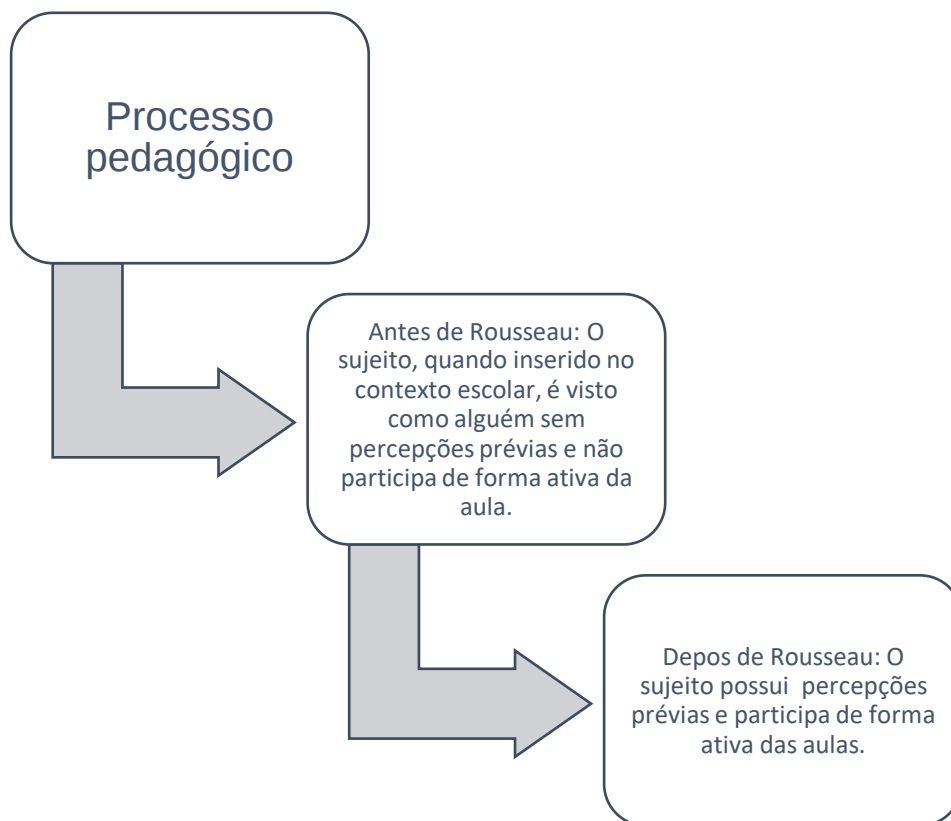
Assim sendo, portanto, é possível afirmar que, ao planejar e elaborar uma justificativa plausível para o princípio básico da educação natural de respeito ao mundo da criança, sendo levada em consideração as condições biológicas, cognitivas e intelectuais, nas quais a criança se encontra, Rousseau antecipa, ao seu próprio modo e estilo, um pilar da pedagogia contemporânea, qual seja, o de tomar as potencialidades da criança, considerando suas capacidades e o seu modo de ação, como ponto de partida do processo pedagógico e, dessa forma, interferindo de forma direta e clara no processo de formação social do homem contemporâneo enquanto indivíduo que pode se desenvolver de forma clara através dos modelos implementados pela educação natural. Apresentaremos, abaixo, dois fluxogramas sobre o desenvolvimento moderno dos conceitos de infância e pedagogia levando em consideração as alterações realizadas por Rousseau.

Fluxograma 1: Conceito de Infância



Fonte: Elaboração própria (2020)

Fluxograma 2: Conceito de Pedagogia/ Processo Pedagógico



Fonte: Elaboração própria (2020)

3 DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA E DO INDIVÍDUO INSERIDO NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO NATURAL

As propostas desenvolvidas por Rousseau e apresentadas no decorrer do capítulo anterior para se discutir as implementações feitas pelo autor no processo pedagógico e o conceito de infância, no decorrer deste capítulo, serão abordadas de forma aplicada com base nas obras do Emílio.

É importante destacar que, com relação à infância, o autor a divide em três fases específicas, sendo a primeira analisada com base no período do nascimento até os primeiros dois anos de idade, a segunda se estende dos primeiros meses com dois anos até os 12 anos de idade, e, a terceira concentra-se entre 12 e 15 anos e pode ser caracterizada como a fazer da pré-puberdade.

No decorrer dos livros, o autor alerta para a necessidade de se discutir educação natural de forma integral e participativa, daí a opção pela educação doméstica e pelo preceptorado, possível como modelo, mesmo em meio à sociedade degenerada. Primeiramente no campo, mas depois em sociedade, pois Rousseau postula a tese de que o indivíduo é potencialmente capaz de aprender e se aperfeiçoar por meio do convívio social, via educação. Aliás, a perfectibilidade é apresentada como um dos elementos chaves, que distancia o homem dos demais animais, como podemos perceber nas próprias palavras do filósofo:

[...] haveria uma outra qualidade muito específica que os distinguiria e a respeito da qual não pode haver contestação – é a faculdade de aperfeiçoar-se, faculdade que, com o auxílio das circunstâncias, desenvolve sucessivamente todas as outras e se encontra, entre nós, tanto na espécie quanto no indivíduo [...]. (ROUSSEAU, 1999b, p. 65).

Além disso, para justificar a ação do preceptor sobre a criança, no decorrer da obra Emílio, Rousseau afirma que:

nascemos fracos, precisamos de força; nascemos desprovidos de tudo, temos necessidade de assistência; nascemos estúpidos, precisamos de juízo. Tudo o que não temos ao nascer, e de que precisamos adultos, é nos dado pela educação (EMÍLIO, p. 10).

Diante dessa perspectiva, o autor apresenta que a bondade poderá tornar-se ética e o sentimento de piedade, igualmente natural, metamorfosear-se em sentimento de justiça. O

filósofo, então, acredita que nascemos potencialmente capazes de nos aperfeiçoar, o que ocorre por meio da aprendizagem, que, inicialmente, é oportunizada pela liberdade de experimentação.

Assim, a aprendizagem na infância é experiência e, por conseguinte, movimento. A criança é regida por um princípio ativo, pois encontra-se cheia de energia e disposição para a vida. Nas primeiras fases ou, segundo Burgelin, na fase sensitiva e na ativa, o preceptor manobra para não impedir ou, para oportunizar e ampliar as experiências sensíveis, que são de suma importância para as fases subsequentes. Pois, segundo Rousseau, o homem constrói-se a partir das sensações: é preciso primeiro sentir o mundo e sentir-se como parte dele, para depois, pensar sobre ele. Este percurso entre o sentir-se, sentir o mundo e pensar sobre o mundo será minuciosamente acompanhado pelo preceptor.

exercitai de contínuo seu corpo; tornai-o robusto e sadio, para torná-lo sábio e razoável; que ele trabalhe, aja, corra e grite, esteja sempre em movimento; que seja homem pelo vigor, e logo o será pela razão (ROUSSEAU, 1995, p. 129).

Diante dessa perspectiva e com o avanço do crescimento do ser, no decorrer da segunda fase da infância, que está diretamente associada com o período no qual compreende-se entre os dois anos até os doze anos de idade, o sujeito passa a ser inserido no contexto escolar que desenvolverá, com base na educação natural, a continuação do processo de religação entre o homem e a sua natureza, levando em consideração a perspectiva introduzida na criança no decorrer da sua primeira fase, ou seja, relacionando-a com sua liberdade de viver, correr e brincar nos momentos que são separadas para essas atividades e pensando a idealização do ensino como um processo em que ambos os indivíduos, mestres e estudantes, participam de forma ativa.

Com relação a terceira fase da infância apresentada por Rousseau com a finalidade de caracterizar esse período e modificar a pedagogia desenvolvida nos ambientes escolares, o autor caracteriza essa fase como sendo a idealização do crescimento do sujeito enquanto ser social que inicia sua trajetória, caminhando em passos largos para a entrada no mundo no qual será considerado adulto.

[...] dão à maioria instruções perniciosas ou impróprias; que os privam das que lhes conviriam; que se constroem de todos os lados a natureza; que se apagam as grandes qualidades da alma, para substituir-lhes as pequenas e aparentes que não possuem nenhuma realidade; que, treinando indistintamente para as mesmas coisas tantos talentos diferentes, destroem-se uns pelos outros, confundem-se todos; que, depois de muitos cuidados perdidos em estragar nas crianças os verdadeiros dons da natureza, vê-se murchar em pouco tempo esse

esplendor passageiro e frívolo que se lhes prefere, sem que o natural abafado volte algum dia; que se perde ao mesmo tempo o que se destruiu e o que se fez; que, finalmente, como fruto de tanto trabalho levianamente assumido, todos esses pequenos prodígios tornam-se espíritos sem força e homens sem méritos, notáveis unicamente por sua fraqueza e por sua inutilidade. (ROUSSEAU, 1994, p. 487)

A citação apresentada acima surge dentro da perspectiva de apresentar um indivíduo que chegou a terceira fase da infância sem está inserido em um contexto no qual a educação natural não é aplicada, ou seja, para Rousseau, os indivíduos formados com base nos princípios pedagógicos desenvolvidos pela escola escolástica apresentam um retardo intelectual e, tornam-se, nas palavras de Rousseau, espíritos sem força e homens sem méritos, notáveis, unicamente, por sua fraqueza e inutilidade.

No que diz respeito aos sujeitos inseridos na educação natural, eles constroem, com base nas afirmativas desenvolvidas e implementadas por Rousseau na pedagogia, crianças, jovens e adultos regidos pelos princípios éticos apresentados e introduzidos no seu ser pelo preceptor. É importante ressaltar, retomando uma citação apresentada na introdução desta obra, que os sujeitos, por serem educados pelo preceptor, não se tornam seres alienados, mas sim donos do pensamento que regem sua vivência.

4 FATORES DO ILUMINISMO PEDAGÓGICO E A EDUCAÇÃO NATURAL

No decorrer da quarta edição do romance relacionado a Emílio ou da educação, com a discussão apresentada no decorrer da introdução desta obra relacionada ao desenvolvimento do amor de si e o amor-próprio, podemos entrelaçar esse contexto e adentrarmos, de forma pontual, no contexto iluminista, levando em considerações seus fatores e suas contribuições para o desenvolvimento da educação natural apresentada, de forma sucinta, nos capítulos anteriores dessa obra.

É importante destacarmos que no decorrer da história da pedagogia, mesmo após a publicação do Emílio, a natureza do ser humano era desenhada como algo que não podia estar entrelaçada com o desenvolvimento social e, esse desenvolvimento, era tido como algo artificial que traria malefícios para a construção de uma humanidade civilizada.

Isto é, para os românticos da época, o contraponto entre natureza e sociedade civilizada pode ser entendido, resumidamente, no sentido de que quanto mais sociável o ser humano se torna mais ele se distancia do conceito de natureza e, com ela, da bondade que constitui originariamente todo ser humano.

Diante dessa perspectiva, os autores associavam o pensamento desenvolvido por Rousseau ao longo das suas obras, como um projeto educacional que tinha como principal objetivo desvincular os infantes da vida em sociedade. Porém, é importante afirmar que, a partir da leitura adequada da obra, o natural, no pensamento de Rousseau, torna-se extremamente relacionado com o pensamento desenvolvido ao longo dos anos fundamental para a sociedade, existe uma contraposição no que diz respeito, apenas, ao sentido normativo que regia a sociedade.

Assim sendo, a questão que surge devido ao sentido normativo que regia a sociedade está diretamente expressada no decorrer dos livros I e II e nos preceitos desenvolvidos pelo iluminismo no decorrer dos séculos. Isto é, já que no livro I e no II Rousseau expressa a necessidade de deixar a criança ser quem ela é, e isso ficar claro, por exemplo, quando ele faz a seguinte afirmação relacionada ao momento do nascimento da criança:

no momento em que a criança respira ao sair de seus invólucros, não deveis deixar que seja metida em outros que a apertem ainda mais. Nada de testeirolas e nada de faixas; fraldas soltas e largas que deixem todos os seus membros em liberdade e não sejam nem muito pesadas para atrapalhar seus movimentos, nem quentes demais para impedir que sinta as impressões do ar. (ROUSSEAU, 1995, p. 42)

E, com o avanço do iluminismo, que também existe a pregação de que os seres devem agir de acordo com a racionalidade e, partindo desse princípio, serão mais eles próprios, os dois pensamentos se entrelaçam e fundamentam alguns princípios relacionados ao desenvolvimento de uma pedagogia racional na qual a criança, o jovem e o adulto, com o avanço do processo educacional, desenvolvem um ser humano mais humanizado e defensor da racionalidade como condução do processo educacional.

No dizer de Dalbosco (2011, p. 124):

dialéctica da razão exprime, nesse sentido, a compreensão adequada da tensão imanente à ação humana que se manifesta entre as dimensões da consciência (enquanto instinto humano e “divino”) e da razão, ambas inseridas em uma ordem universal. Ela consiste enfim no movimento crítico que se inicia com o “cuidado de si mesmo”, o qual, por sua vez, conduz à consciência da inserção humana no cosmo.

Ainda, associado a esse direcionamento do indivíduo humano para a construção do humanismo a partir de ideias apresentadas no decorrer da aplicação do método educacional natural, que se fundamenta no decorrer do segundo livro, está diretamente associado com a forma de saber, no contexto do indivíduo enquanto criança, qual é o seu lugar num sentido ético normativo bem claro, na relação entre as necessidades, os desejos e as forças disponíveis para atender as necessidades. Ao descobrir o seu lugar na ordem das coisas, a criança cria um sentimento de pertença que lhe é fundamental para não ultrapassar os limites no seu futuro convívio social. Pode-se, então, afirmar que natural é o equilíbrio entre desejo e o poder de alcançar o desejado, respeitando-se a si mesmo e aos outros e, construindo, a partir disso, um indivíduo cada vez mais social sem torná-lo artificial.

Em suma, o projeto de educação natural pensado por Rousseau à criança de zero até doze anos de idade deve respeitar a criança naquilo que ela é tanto do ponto de vista biológico, como afetivo e cognitivo, primando mais pelo amadurecimento de suas forças físicas e sensíveis, expondo-a ao convívio direto e permanente com a natureza humana. O autor era da convicção pedagógica de que o fortalecimento do corpo e o refinamento dos sentidos seriam a condição necessária, embora não suficiente, do posterior e progressivo desenvolvimento cognitivo e moral da criança. A partir dessa perspectiva, o indivíduo torna-se mais sociável, e é importante destacar que essa educação é um dos pilares da educação presente na contemporaneidade.

Assim como foi citado no decorrer dos capítulos anteriores, é possível compreender que,

no decorrer dos livros desenvolvidos por Rousseau no decorrer da sua vida, ele propõe, com base na teoria da educação natural, que está diretamente associada com inúmeras características que foram apresentadas também no decorrer dos capítulos passados, uma nova forma de educar as crianças e, conseqüentemente, a isso, construir um homem que esteja relacionado com o ambiente social, mas não de forma artificial.

É importante retomar que esse método educacional tem por objetivo preservar no homem uma bondade que, para o filósofo, é intrínseca ao sujeito, este já nasce com o sentimento de bondade cuja origem é Deus, ao qual ele chama de autor de todas as coisas.

Diante disso, conseguimos perceber que o homem não nasce pronto para o mal, mas, no interior do seu ser, existe uma predisposição que, caso não seja desconstruída através da educação natural que o aproxima da natureza humana, ele torna-se mal. Rousseau apresenta que: “nenhum ser é tão tímido quanto o homem em estado de natureza, e que ele está sempre tremendo e pronto a fugir ao menor ruído que o alcance, ao menor movimento que o perceba” (ROUSSEAU, 2000, p.59).

Dessa forma, é perceptível que Rousseau acreditou que a educação é o caminho para salvar o homem que está degenerado pela sociedade. A educação é a base para se formar o novo homem, com ela, a criança é valorada e deixa de ser vista como um pequeno adulto que deve ser escravizado pelo trabalho e oprimido pelas instituições escolares vigentes na época.

Preservando a alegria, inocência, liberdade e ritmo de aprendizagem individual da criança, estas tornam-se adultos fortes, física e espiritualmente. O adulto assim formado, terá discernimento para saber o que basta a si mesmo e o que é necessário para a vida, saberá a diferença entre o amor de si e o amor-próprio e, estará apto a conviver neste estado social que degenera e aliena a todo o tempo com uma cultura imposta através dos meios de comunicação que diz que para ser feliz, não é preciso ser, mas, ter.

O Emílio, para Rousseau, é retrato do homem ideal que fará cumprir tudo aquilo que é proposto no *Contrato Social*, a fim de garantir sua liberdade natural:

quando um povo é obrigado a obedecer e o faz, age acertadamente; assim que pode sacudir esse jugo e o faz, age melhor ainda, porque, recuperando a liberdade pelo mesmo direito que lhe arrebataram, ou tem ele o direito de retomá-la ou não o tinham de subtraí-la. A ordem social, porém, é um direito sagrado que serve de base a todos os outros. Tal direito, no entanto, não se origina da natureza: funda-se, portanto, em convenções. Trata-se, pois, de saber que convenções são essas>. (ROUSSEAU, 2000, p.53)

Diante disso, trazendo esses aspectos para a contemporaneidade e levando em consideração as outras características que são trabalhadas ao longo desta obra, e a formação do

pilar da pedagogia que é baseado na educação natural, é possível obter como resultado que a formação social do homem contemporâneo, no que diz respeito as suas interações sociais no contexto familiar, escolar e do trabalho, está diretamente associada aos princípios desenvolvidos por Rousseau ao longo da obra “ Emílio ou da educação”.

No contexto familiar, é perceptível que existe a figura do preceptor que conduz a criança, no decorrer das suas três fases abordadas pelo autor, para uma vertente ideológica na qual o sujeito se vai conseguir se desenvolver e colocar em prática suas principais ideias.

Já no contexto escolar e do trabalho, podemos concluir que há uma interferência da educação natural já que ela é um dos pilares de sustentação da pedagogia aplicado no decorrer dos últimos anos. A partir disso e dos dados abordados ao longo do trabalho, podemos perceber a formação social do homem histórico, no que diz respeito ao período que iniciou o processo de aplicação da teoria da educação natural, até a formação do homem contemporâneo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a construção apresentada ao longo do romance desenvolvido por Rousseau, Emílio, assim como outras obras desenvolvidas, tornou-se um movimento contra as instituições educacionais e sociais constituídas no decorrer do período histórico do seu tempo. Essas obras refletem sobre a formação do homem mediante à crítica à sociedade degenerada que, ao seu ver, atribui alto valor ao parecer em detrimento do ser, afastada desde o início dos preceitos da natureza.

Contudo, diferentemente de algumas interpretações que levam a pensar que o filósofo deseja o retorno ao selvagem ou primitivo. Porém, o que pretende é a formação do homem em suas principais e mais elevadas possibilidades; é a busca da perfectibilidade sem se distanciar da bondade natural e inicial de todo humano: e Rousseau não quer estragá-la. O que Rousseau pretende com o avanço da sua teoria educacional natural é que o homem livre e justo, dono de si mesmo e que não se deixa levar pela opinião de outrem seja realmente feliz.

Espera-se, por fim, que os resultados e discussões encontradas e apresentadas no decorrer desta pesquisa, contribuam para fomentar estudos acerca de temáticas relacionadas ao tema desse trabalho.

REFERÊNCIAS:

A INVENÇÃO DO EMÍLIO COMO CONJECTURA: opção metodológica da escrita de Rousseau. In: Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 36, n.1, p.207-225. jan/abril. 2010.

BOTO, Carlota. A educação no debate iluminista. In: **A escola do homem novo: entre o iluminismo e a Revolução Francesa**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996.

CASSIRER, Ernest. **A questão Jean-Jacques Rousseau**. Tradução: Erlon José Paschoal e Jézio Gutierrez. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

CONTRATO SOCIAL - Ensaio sobre a origem das línguas. Tradução: Lourdes Santos Machado, São Paulo: Nova Cultural, Coleção Os Pensadores, vol. I, 1999a.

DALBOSCO, Cláudio Almir (Org.). Filosofia e Educação no Emílio de Rousseau. **O papel do educador como governante**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2011b.

DALBOSCO, Cláudio Almir. **Educação natural em Rousseau:** das necessidades da criança e dos cuidados do adulto. São Paulo: Cortez, 2011.

DALBOSCO, Cláudio Almir. **Educação natural em Rousseau:** das necessidades da criança e dos cuidados do adulto. São Paulo: Cortez, 2011.

EMÍLIO OU DA EDUCAÇÃO. São Paulo: Martins Fontes, 2004. SCHNEIDERS, W. **Das Zeitalter der Aufklärung**. München: Verlag C. H. Beck, 2008.

ROUSSEAU, J. J. **Emílio ou da Educação**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A. 1992.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou Da educação**. Tradução: Roberto Leal Ferreira; introdução: Michel Launay. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

STRECK, Danilo R. **Rousseau & a educação**. 2. Ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2008.